

LÁ É AQUI



Rogério Borges

SINOPSE

Neste livro cheio de surpresas e descobertas para o leitor, um garoto viaja pelo espaço e pouco a pouco vai se aproximando da Terra. Continuando seu curioso mergulho, passa por nuvens, montanhas, árvores, animais, plantas, pedras. À medida que diminui de tamanho, entra no mundo microscópico, descobrindo que esse novo mundo pode ser tão infinito quanto o Universo.

PALAVRAS DO AUTOR

Atualmente vivo em Curitiba, no Paraná. Comecei a trabalhar com ilustração na década de 70, quando fui para São Paulo cursar a faculdade de Comunicação Visual. Atuei em agências de publicidade e, depois, em várias editoras. Ilustrei obras de muitos autores conhecidos e ganhei alguns prêmios, como o Jabuti, o da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) e o Adolfo Aizen, dentre outros. Além disso, tive obras selecionadas para o acervo internacional da Biblioteca de Munique, na Alemanha.

Outro dia, por volta das 20 horas, faltou luz na região onde eu moro. Então saí para respirar aquele arzinho da noite. Levantei a cabeça e me senti muito pequenininho naquele oceano de estrelas. Depois, fiquei pensando: para aqueles insetos que moram na grama do jardim, ali onde estava pisando, eu deveria parecer um universo de grandeza. E tanto eu como eles somos feitos de moléculas, células, átomos, num universo de pequenezas sem fim.

Então, quem é grande e quem é pequeno? Tudo depende de onde você está. Uma coisa é certa: somos todos importantes, porque somos únicos. Cada um do seu tamanho, todos ligados pela vida.

FICHA TÉCNICA

Formato: 24 x 24 cm
Número de páginas: 24
Coleção: *História à vista!*
ISBN: 978-85-7472-905-3
Indicação: A partir de 9 anos

LÁ É AQUI



Rogério Borges

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

LÁ É AQUI



Rogério Borges

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

LÁ É AQUI



Rogério Borges

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

LÁ É AQUI



Rogério Borges

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

LÁ É AQUI



Rogério Borges

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

LÁ É AQUI



Rogério Borges

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

LÁ É AQUI



Rogério Borges

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Mostre a capa do livro e explore a imagem com as crianças. Motive-as a exercitar a imaginação e a lançar hipóteses, despertando a curiosidade e o desejo de ler o livro. Onde o menino está? Ele está voando? Como é sua expressão? Questione o título: como é que “lá” pode estar “aqui”? O que os alunos acham que vai acontecer nesta história?
2. Leia o nome da coleção (História à vista!) e explique que o livro apresenta uma narrativa visual, em que as imagens é que vão contar a história.
3. Antes da leitura, convide a turma para uma viagem imaginária pelo universo. Peça às crianças que fechem os olhos e imaginem que podem voar e conhecer cada canto do planeta e do Universo. O professor deverá conduzir esta atividade tomando cuidado para que não haja dispersão. Uma boa estratégia é traçar um caminho, como por exemplo, pedir para os alunos viajem através da imaginação até a Lua, até a Amazônia, ou ainda, para baixo de uma pedrinha escondida no canto de um parque de diversões, etc.

DURANTE A LEITURA

1. Oriente os alunos a fazerem uma leitura autônoma, despertando a participação e a criatividade das crianças enquanto contam a história.
2. O professor poderá fazer brincadeiras com tamanho para auxiliar o entendimento do texto. Um mesmo objeto pode aparentar tamanhos diferentes, dependendo do ângulo em que é visto. Uma sugestão de atividade é observar objetos sob uma lupa e perceber a mudança em suas dimensões. Ou ainda, observar uma determinada cena sob as lentes de um binóculo (aproximação e afastamento). Se tiver acesso à internet, outra possibilidade é conectar-se ao Google Earth, programa que possibilita visualizar nosso planeta por meio de imagens de satélite. Com ele pode-se localizar diversos lugares e aplicar o recurso do zoom, enxergando rios, estradas, casas, etc., nas localidades pesquisadas. Depois de realizadas essas atividades, leve os leitores a fazer comparações entre o que viram – e como viram – e a obra Lá é aqui, na qual as noções de tamanho e de distância estão na base da narrativa visual.
3. Por ser um livro sem palavras, explore ao máximo o que pode ser visto nas imagens. Quem é o personagem? O que ele está fazendo? Observe as páginas 8 e 9 e analise a feição do menino em sua aventura pelo Universo: como ele parece estar se sentindo? Por quais lugares ele passou em seu voo? Chame a atenção dos alunos para que percebam a variação do tamanho do personagem e das coisas ao seu redor. Será que o menino diminuiu ou as coisas aumentaram de tamanho?
4. Leve as crianças a perceberem que o menino vai diminuindo conforme vai se aproximando do solo (ora ele é maior que o cogumelo; ora, menor). Peça às crianças que relacionem o início

LÁ É AQUI



Rogério Borges

ao final da obra: onde o personagem inicia sua jornada e onde ela termina? Se a ordem das páginas do livro de Rogério Borges fosse modificada, ou se lêssemos a obra de trás para frente, ela teria o mesmo sentido?

5. Para o trabalho com histórias não verbais, uma sugestão é analisar histórias em quadrinhos sem palavras, as quais podem ser encontradas no final de gibis e se constituem de três quadros apenas, com começo, meio e fim. Com elas, as crianças poderão compreender melhor a construção de uma história não verbal. O professor poderá também escolher uma história em quadrinhos sem texto, recortar os quadros, embaralhá-los e pedir que os alunos os coloquem na sequência correta.

DEPOIS DA LEITURA

1. O livro *Lá é aqui*, de Rogério Borges, apresenta, com a sequência de aproximações das imagens, por meio do voo do menino, a possibilidade de descoberta de novos universos. Um exercício semelhante, que pode nos levar a questionar os valores que atribuímos às coisas, é verificado na obra *Zoom*, de Istvan Banyai.

Trata-se de uma grande brincadeira envolvendo o recurso fotográfico de zoom. Assim, a partir de uma imagem que nos é mostrada, construímos a seguinte, como uma espécie de distanciamento (zoom out). Em outras palavras, apresenta-se uma imagem e, em seguida, distancia-se dela, ampliando o campo de visão. Se, em determinada página, é mostrada uma fazenda, na outra, essa fazenda, cheia de detalhes e animais, transforma-se nos brinquedos de um menino. E assim o livro segue, sempre nos surpreendendo. Além dessa ampliação no campo de visão, ao virar as páginas, somos transportados a lugares diferentes, pois, se vemos um navio no mar, em seguida, ele pode se transformar na capa de uma revista de turismo, que é folheada por alguém no campo.

A obra de Banyai também pode ser lida de trás para frente, com a diminuição do campo visual (zoom in), semelhante ao que acontece em *Lá é aqui*. Dessa forma, o que era pequeno ganha novas dimensões, como o voo do menino da obra de Borges. Tanto *Lá é aqui* quanto *Zoom* apresentam, de modo bastante divertido, outros universos que estão próximos de nós, mas, muitas vezes, não são percebidos. Por meio do jogo de distanciamentos e aproximações, podemos nos tornar maiores ou menores, ver o universo de outra forma e ocupar o lugar do outro.

2. O poema “Conforto”, de José Paulo Paes, presente no livro *Um passarinho me contou*, trata da comodidade de se estar em uma roda-gigante. O autor versa sobre como as coisas são diferentes quando vistas lá de cima, de um avião, por exemplo: “tudo fica anão”.

Enquanto o menino de *Lá é aqui* vai de encontro a um universo microscópico, descobrindo-o tão imenso como aquele de onde partiu, no distanciamento proposto pela roda-gigante de José Paulo Paes, as coisas que são grandes passam a ser pequenas. Também pelo distanciamento, o poema mostra que o que parecia tão grande pode parecer, ao mesmo tempo, pequeno e insignificante. No texto de Borges, as coisas insignificantes, como uma pequena pedra, é que se mostram grandes, até maiores que o universo. Assim, ora por imagens, em um voo livre e cheio de piruetas, ora por versos divertidos, outros mundos podem ser encontrados e o nosso, redimensionado ou alterado a partir de um novo olhar.

3. No livro *Lá é aqui*, o final da história se apresenta como a possibilidade de um recomeço, já que a última ilustração é semelhante à primeira. Com esse recurso, mais comum em obras sem

LÁ É AQUI



Rogério Borges

texto escrito, o autor dá ares de continuidade ao texto e várias possibilidades à imaginação do leitor.

Diversas obras convidam o leitor a contar uma história ou continuar aquela que acabou de ler, como *Outra vez*, de Ângela Lago, e *Noite de cão*, de Graça Lima. Ambas são compostas apenas por imagens e foram premiadas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A última página do livro *Outra vez* não se parece com a primeira, mas traz elementos suficientes para nos remeter a ela. A história, com imagens ricas em detalhes, apresenta como personagens centrais um vaso de flor e um cão. No início, uma moça, que se mostra bastante sentida, acompanhada por seu cão, entrega um belo vaso com flores a um homem, em troca de alguns quitutes. A partir daí, o vaso passa de mão a mão, sempre seguido pelo cachorro. Por fim, o cão recupera o vaso das patas de um gato caolho (com um tampão daqueles de pirata), que o usava para tentar conquistar a gatinha que estava no telhado. Outro aspecto interessante das imagens é o fato de as cenas serem mostradas como se tivessem sido fotografadas por um narrador que flutua sobre o local onde ocorre a história.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Jardel Pelissari Machado, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio